



ADOTE UM/A LEITOR/A

Maria Aurora Neta(PQ)*
maria.aurora@ueg.br
Gabriela Cristina Silva Nunes
Maressa Guerra Guimarães
Mayara Stefany de Sousa
Michel Sullivan Basilio Menezes
Wlisses Cavalcante Santos

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus São Luís de Montes Belos

Resumo: O projeto “Adote um/a leitor/as” traz para o centro da discussão a questão da formação leitora de estudantes da educação básica, mais especificamente, do ensino fundamental. Ainda é recorrente o discurso sobre a pouca ou mesmo da dificuldade de leitura de muitos estudantes; que a capacidade de compreender os textos é pequena e, alguns, não conseguem, muitas vezes, apreender aspectos básicos dos textos lidos, o que dificulta o processo de aprendizagem. Assim, considerando que a leitura é uma prática social e cultural encarnada em gestos e, na sociedade letrada em que vivemos, saber ler e compreender o que se lê é condição para uma maior participação social. Também é condição de inclusão social e cultural, logo, apreendê-la em suas diferentes configurações é mais que necessário, é um direito. Não importa em qual etapa o aluno esteja, o que importa é desenvolver a prática da leitura com os/as alunos/as, aqui, especificamente, aqueles/as que apresentam limites de compreensão leitora, isto feito para possibilitar a eles/as uma melhor condição de superar estes limites e gradativamente desenvolver tão importante prática, a qual se desenrola ao longo do seu processo de escolarização.

Palavras-chave: Prática de leitura. Leitor. Ensino. Aprendizagem.

Introdução

No exercício pedagógico, algumas ocorrências chamam mais a atenção que outras e isso acontece devido à recorrência dessas situações o que as tornam objeto de um olhar mais atento. Se um fato torna-se objeto de constantes discussões e críticas, é necessário buscar a compreensão dele de maneira mais profunda, para que não sejam dadas respostas prontas e acabadas, correndo-se o risco de se ficar apenas na superficialidade da questão, no diagnóstico, na descrição ou apenas no senso comum. Tomando esta reflexão como ponto de partida, evidencio a questão da prática da leitura e da formação de leitores/as, já que esta prática não se desvincula de nenhuma atividade escolar, muito menos das diferentes disciplinas curriculares, porque a leitura não se constitui como uma “disciplina isolada”, uma vez que ela está presente em todas as atividades desenvolvidas na escola. Logo, não é

REALIZAÇÃO



possível falar em ensino e aprendizagem sem falar na prática social e cultural da leitura nem na importância da formação de leitores/as. Nesse caminho, buscamos, como esta proposta, desenvolver, junto aos/às alunos/as do ensino fundamental de escola pública, que apresentam limites na compreensão leitora, desenvolver a prática da leitura, por meio de diferentes atividades, tendo em vista ampliar a formação deste/a leitor/a e contribuir com o crescimento e fortalecimento do processo de ensino e aprendizagem vivenciado por cada um deles/as.

Material e Métodos

A efetivação do projeto se dará por meio de encontros semanais com estudantes do 6º ano do ensino fundamental que apresentam limites na compreensão leitora. Os encontros acontecerão em duas escolas públicas de ensino fundamental, da rede municipal, na cidade de São Luís de Montes Belos. Os/as estudantes que farão parte do projeto são indicados/as pelos professores e pela coordenação da escola, considerando o perfil proposto no projeto. Eles/as serão acompanhados/as por alunos/as do curso de letras da UEG – Câmpus São Luís de Montes Belos. Nos encontros, os estudantes farão atividades voltadas para a leitura e compreensão dos textos lidos e discutidos e para tal, serão usados textos de diferentes gêneros e suportes, como livros literários, revistas, jornais, quadrinhos, músicas, poemas entre outros. Ainda, cada participante acompanha um aluno e planeja atividades voltadas exclusivamente para ele/a, considerando a individualidade dele/a.

Resultados e Discussão

Espera-se que os/as alunos/as assistidos/as pelo projeto tenham uma melhoria significativa em sua compreensão leitora e que isso tenha desdobramentos em seu desempenho nas diferentes disciplinas curriculares, bem como em sua atuação fora da escola, possibilitando-lhes atuar de forma mais autônoma na sociedade letrada em que vivem.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Considerações Finais

A leitura é objeto de cultura, bem simbólico, capital cultural de um povo, de uma comunidade e meio de inclusão social e o direito e o acesso à leitura é condição para uma plena democracia cultural. Daí quanto encontramos estudantes que apresentam dificuldades para ler e compreender os textos que lhes chegam às mãos, é necessário pensar formas de superação destes limites, para que eles/as possam se apropriar cada vez mais dos conhecimentos obtidos por meio da leitura e de sua compreensão e, dessa forma, ampliar sua autonomia diante das diferentes leituras que circulam socialmente por meio de diferentes suportes. Dessa forma, desenvolver junto aos/às estudantes do ensino fundamental, que tenham limites em relação à leitura um trabalho que possibilite a estes sujeitos a ampliação de sua competência leitora, tendo em vista a melhoria de seu desempenho escolar nas diferentes disciplinas curriculares, bem como a atuação desses leitores/as fora da escola é garantir-lhes um dos direitos inerentes à pessoa de cada um/a deles/as, que é o direito a uma educação plena.

Agradecimentos

Agradecemos aos alunos e alunas que fazem parte do projeto, à gestão das duas escolas públicas municipais e à Secretaria Municipal de Educação de São Luís de Montes Belos que acolheram a proposta em tela.

Referências

- CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- PENNAC, D. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. Ed. Campinas: Papirus, 1991.
- _____. **Elementos de pedagogia da leitura**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.



SOARES, M. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, A; MARTINS, A; PAULINO, G; VERSIANI, Z. (Orgs.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.



O Método da Abordagem Comunicativa no ensino da Língua Inglesa pelo Centro de Idiomas

Gabriela Magalhães Sabino* (IC), Maria Márcia Coutinho de Oliveira² (PQ)

¹ gabymagal15@outlook.com; Universidade Estadual de Goiás – UEG/Câmpus São Luís de Montes Belos. Rua da Saudade com Viela B, nº 56, Vila Eduarda, São Luís de Montes Belos - GO, CEP: 76.100-000

² Universidade Estadual de Goiás/ Câmpus São Luís de Montes Belos/GO

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir a metodologia “Abordagem Comunicativa” utilizada no Centro de Idiomas onde se tem destacado o uso desse método que é fundamental e de extrema importância para o ensino de línguas em nosso contexto atual, no qual o desenvolvimento das tecnologias e meios de comunicação pode ser aliado dos professores para a melhoria tanto do ensino quanto da aprendizagem de língua estrangeira. O processo de ensino aprendizagem de língua inglesa no Brasil tem sido inadequado, iniciando um déficit muito grande em relação ao ensino e aprendizado de línguas. Dessa forma a proficiência e a fluência no idioma é o que todo estudante de línguas busca e, também o objetivo a ser alcançado por professores para com seus alunos. Quando isto não ocorre há uma possibilidade muito grande de desestímulo ou até mesmo a desistência do aluno em aprender um novo idioma deixando muitas vezes o professor com dúvidas sobre qual metodologia utilizar. E nesse ponto, que a metodologia da Abordagem Comunicativa tem sido um diferencial no ensino e aprendizagem da Língua Inglesa no Centro de Idiomas.

Palavras-chave: Aprendizagem. Comunicação. Ensino. Língua Inglesa. Processo. Resultados

Introdução

Este trabalho tem como finalidade salientar a respeito dos métodos comunicativos que possuem em comum uma característica – o foco no sentido, no significado e na interação entre sujeitos na língua estrangeira. Desse modo o ensino comunicativo organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes de real interesse e necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua para realizar ações autênticas na interação com outros falantes

Além disso, o método comunicativo também dispõe de alguns procedimentos metodológicos que auxilia na aprendizagem do aluno, isto é, desempenha uma



sequência de atos como os de cumprimentar, socializar experiências. Em vista disso, ele também inclui traços da oralidade e carga informativa, mas nem esgota nem de longe o seu potencial, pois seu objetivo é criar condições favoráveis para a aquisição de um desempenho real numa nova língua. Por consequência entende-se que o papel do método é o que:

[..] deve expressar [...] uma compreensão global do processo educativo na sociedade; os fins sociais e pedagógicos do ensino, as exigências e desafios que a realidade social coloca, as expectativas de formação dos alunos para que possam atuar na sociedade de forma crítica e criadora, as implicações da origem de classe dos alunos no processo de aprendizagem, a relevância social dos conteúdos de ensino (LIBÂNEO, 1994, p. 150).

Assim sendo os métodos no ensino interpelam acerca dos caminhos traçados para alcançar a um resultado, que neste caso é a aprendizagem. Expõe-se então, que ensino e aprendizagem são palavras que se cruzam, em razão da lógica, se alguém ensina, outro indivíduo aprende. Compreende-se que o método é então uma sintonia de técnicas que desempenham um determinado plano de estudos e que são direcionados por uma abordagem comunicativa.

Material e Métodos

Este trabalho é associado ao projeto de extensão “Inglês Básico”, que é desenvolvido no Centro de Idiomas em níveis distintos (Iniciante, Intermediário e Avançado) promovendo o conhecimento e aprimoramento da língua inglesa e a cultura estrangeira. O projeto conta com a coordenadora e professora Maria Márcia de Oliveira Coutinho e como monitora acadêmica Gabriela Magalhães Sabino do curso de Letras Português/ Inglês da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus São Luís de Montes Belos-GO. O objetivo desse projeto é contribuir para o crescimento educacional e cultural da comunidade acadêmica e da comunidade em geral através da capacitação de seus membros nas áreas de sua abrangência, tal como é a língua inglesa.

Resultados e Discussão

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





A Abordagem Comunicativa deve propiciar ao aluno um ambiente mais propício ao aprendizado, e ao professor, um espaço mais amplo de trabalho, voltado ao contexto do aluno com um direcionamento criado pelo professor onde a adequação é o fator que predomina não tirando do docente a responsabilidade de conhecer as teorias como as abordagens e metodologias, mas abrindo uma possibilidade de o professor escolher o que melhor se enquadra à sua turma.

Diante disso, a utilização de uma forma de ensino mais condizente com a realidade do aluno faz com que eles se sintam incentivados a estarem sempre em busca de usar o que se está propondo ensinar e conseqüentemente atingindo o que se anseia no ensino de língua, que é a comunicação. A busca pelo uso coerente das tecnologias é um exemplo utilizado na sala de aula, que tem trazido benefícios nas aulas.

Por isso, a postura da Abordagem Comunicativa passa a ser a alternativa que mais cativa, pois ela abre um leque de possibilidades de que busca amadurecer e canalizar a informação e transformá-la em conhecimento. Não é possível fazer com que haja competência linguística seguindo um único método em uma sala de aula, é necessário buscar alternativas que provoque o aluno a aprender, que investigue quais são as facilidades que este tem e quais as formas mais fáceis de se chegar até este indivíduo.

Considerações Finais

O estudo sobre o uso da abordagem comunicativa faz-se necessário no sentido de conhecer sua eficácia na aquisição e no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Por isso que ao longo do trabalho as vantagens da utilização da abordagem comunicativa são evidentes, pois ela visa o aprendizado centrado no aluno, não em termos de conteúdo, mas em técnicas usadas em sala de aula, as competências comunicativas voltadas para as competências gramaticais, discursivas e estratégicas. Além do mais, também se notou que os métodos comunicativos têm como foco o sentido no significado e na interação propositada na língua estrangeira e que se organiza em experiências de aprender em atividades relevantes de real



interesse ou necessidade para o aluno. Além disso, Williams e Burden (1999) também deixaram claro que a motivação para se aprender uma língua estrangeira ocorre como resultado de uma combinação de influências distintas e que algumas são internas e que provem do interior do aluno, ou seja, o interesse pela atividade e outras externas, isto é, a influência de outras pessoas.

Agradecimentos

Agradeço a Coordenadoria Central de Bolsas da Universidade Estadual de Goiás por me aceitar como bolsista, proporcionando-me uma oportunidade de aprendizado no espaço acadêmico.

À professora Maria Márcia Coutinho de Oliveira, coordenadora do Projeto, pelo convite para continuar no projeto que, a meu ver, é de relevância para a sociedade e por sua orientação durante o projeto.

Referências

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. **Linguística aplicada - Ensino de Línguas e Comunicação**. Campinas, SP: Pontes Editoras e Arte Língua, 2ª edição, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. RJ, Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, J. C. **Os métodos de ensino**. São Paulo: Cortez, 1994. P. 149-176

RICHARDS, J. C. and Rodgers, T. S. **Approaches and methods in Language Teaching**. NY, USA: CAMBRIDGE, 2001.

WILLIAMS, M., BURDEN, R. L. **Psicologia para professores de idiomas: enfoque del constructivismo**. Cambridge, 1999.

A FORMAÇÃO DO LEITOR COMO OBJETO DO CONHECIMENTO NA BNCC: DO COMUM AO LITERÁRIO

Jamilvan Ferreira da Silva (Estudante)*
Luciana Nogueira da Silva (Docente – pesquisadora)
jamilvam.f@hotmail.com

UEG – Câmpus Campos Belos

Resumo: O artigo aqui apresentado é resultado de uma pesquisa bibliográfica e análise documental sobre a formação do leitor realizada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O referido trabalho surgiu no âmbito das discussões da ação extensionista intitulada “Um conto sobre os contos de fadas: literatura fantástica na escola” cadastrada na Plataforma Pegasus. Ao nos remetermos ao leitor pensamos nos leitores literários e nem sempre consideramos como leitor aquele que ler a Bíblia diariamente, os jornais e revistas impressos, os livros de autoajuda, o universitário que para concluir o seu curso precisa ler pilhas de livros. Nessa perspectiva, a BNCC apresenta habilidades para formação do leitor e do leitor literário. A proposta desse trabalho é apresentar as características desses leitores de modo situa-los no contexto escolar e pensar práticas pedagógicas que de fato podem contribuir para a formação de um leitor que tenha capacidade de escolher e selecionar informações nos materiais lidos. Como embasamento teórico foi utilizado entre outros autores Culler (1999); Cosson (2009); Freire (1989); Solé (1998). Os resultados indicam a necessidade de um cuidado pedagógico sistematicamente organizado e focado na formação do leitor de gêneros textuais variados, desde a literatura até materiais diversos sempre com autonomia no contexto de atuação leitora.

Palavras-chave: formação do leitor. BNCC. Literatura.

Introdução

A leitura deve ser incentivada, e o ambiente de sala de aula é o lugar ideal para que sejam desenvolvidos trabalhos que incentivem o hábito de leitura. Sendo assim uma atividade em que o professor expõe diferentes tipos textuais, propõe que eles escolham e leiam para a turma o texto escolhido é uma oportunidade não só de entrar em contato com diferentes tipos textuais, mas também de desenvolver a oralidade e praticar a leitura.

Aprender a ler e a escrever não é apenas condição para progredir nos estudos. Para se comunicar e interagir em uma sociedade letrada é necessário dominar as técnicas de leitura e escrita. É importante que na escola o aluno seja orientado em sua trajetória leitora. A escola é a principal responsável pela formação do leitor já que é nela em que os alunos têm mais contato com diversos materiais escritos, é o espaço em que a leitura e os sentidos dos textos são colocados à prova, são utilizados e avaliados.

Nessa perspectiva é fundamental pensar no papel da escola na formação do

leitor bem como as orientações curriculares com esta finalidade. A partir de práticas que estimule o leitor a buscar novas leituras, novos mundos, sua compreensão vai ampliando. Formado o leitor literário, inicia-se a formação de um novo leitor.

As orientações curriculares propostas na BNCC dizem muito sobre concepção de leitor que o currículo da Educação Básica pretende formar. Para que se possam planejar práticas que contribuam para a formação do leitor comum ao leitor literário na escola fazem-se necessária leitura e pesquisa nos materiais curriculares com o objetivo de compreender e planejar a própria prática pedagógica desenvolvida com o objetivo de formar o leitor.

Resultados e Discussão

1. O leitor comum e o literário

Nada adiantaria decodificar o alfabeto, juntar as letras e formar palavras senão fosse possível compreender a si mesmo como um homem, social e político. Como indivíduo que pensa e que age no mundo, como se relaciona, como se comunica. Segundo Paulo Freire (1989, p. 09) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ele desenvolveu um processo de alfabetização sempre pensando no mundo do adulto. Para Paulo Freire, ler por ler não era suficiente, era necessário ler compreender a vida, os problemas sociais que os alunos vivenciavam.

Em situações semelhantes, escrevemos textos com características semelhantes, que pode chamar de gêneros de textos, conhecidos e reconhecidos por todos, e que, por isso mesmo, facilitam a comunicação: a conversa em família, a negociação no mercado ou discurso amoroso. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHANEUWLY, 2004, p. 83)

No texto Paulo Freire (1989, p.09) retoma sua infância, sua casa, as relações com os seus familiares, o mundo o qual fez suas primeiras leituras. A sua própria forma de aprender a ler, pois leu o mundo antes dos textos, são alvos de reflexão em seus escritos. O autor revela que o seu medo de defuntos era vencido quando ele escutava histórias dos mais velhos. Essa experiência lhe proporcionava conhecimento sobre o objeto, permitia a ele fazer uma leitura do próprio mundo e assim os seus medos iam se desfazendo.

No contexto de Paulo Freire, tinha pássaros, animais domésticos, árvores, elementos naturais, flores, frutos, cheiros que, no contexto do autor eram como

“textos”, as “palavras”, as “letras” daquele mundo. O autor coloca que a leitura que ele fazendo mundo dele na infância não lhe fez ficar adulto antes da hora. Não lhe antecipou situações e problemas do mundo adulto, apenas o permitiu perceber e compreender o mundo ao seu redor e quando ele entrou na escola, foi aprender a grafar a palavra, já conseguia dá sentido ao que escrevia.

Quando professor de Língua Portuguesa, Paulo Freire levou essa experiência para a sua prática pedagógica. Para ele, mais importante que fazer os alunos memorizar as normas gramaticais ou ler livros e mais livros em uma leitura controlada, era fundamental apreender a significação profunda dos textos, das sentenças e palavras estudadas, dos livros lidos.

Segundo Solé (1998, p. 34)

A leitura e a escrita aparecem como objetivos prioritários da Educação Fundamental. Espera-se que, no final dessa etapa, os alunos possam ler textos adequados para a sua idade de forma autônoma e utilizar os recursos ao seu alcance para referir as dificuldades dessa área- estabelecer inferências, conjeturas; reler o texto; perguntar ao professor ou a outra pessoa mais capacitada, fundamentalmente; também se espera que tenham preferências na leitura e que possam exprimir opiniões próprias sobre o que leram.

Na escola, além da beleza a literatura é importante na formação do leitor. No texto “The Future of Literary Theory” de J. Hillis Miller levanta uma questão muito importante sobre a literatura enquanto objeto de estudo e análise da teoria literária. Segundo o autor os meios de comunicação tecnológicos estão tirando o lugar da literatura na vida das pessoas. Antes de invasão dos meios tecnológicos, umas das formas de entretenimento era a leitura literária. Segundo Miller (2006, p.03) “a mídia está substituindo a literatura”, assim nesse meio midiático alguns sinais, imagens, ícones passam a ter características literárias.

No entanto, como o próprio Miller alerta, é necessário ter cautela para definir que algo tem características literárias ou não. O fato é que, a palavra verbal, seja ela escrita ou oral é a base da literatura. Então quando o autor diz que chamar algo de “literatura” é um ato de fala, está se referindo à poesia. Quando dizemos que algo é literário estamos nos referindo ao valor poético que aquele elemento tem, no entanto precisamos ter cuidado com o que definimos ou não como literatura.

Dizer que algo é poético não equivale dizer que é literatura. Literatura é uma

forma de arte que tem a palavra como base, mas há muitas formas de artes que tem como base outros elementos. Segundo Miller (2006, p.01) a função da teoria literária é explicar a literatura, e funciona como formulações acerca de textos literários antigos e contemporâneos, e suas contribuições para a literatura variam de tempos em tempos, de culturas para culturas. Ainda mais quando os meios de comunicação nos trazem textos semióticos e multimodais que são textos com palavras, sons e imagens.

2. A interação leitor e texto: caminhos para a construção de sentido

É importante investir na relação entre o aluno, o leitor e o texto. As práticas pedagógicas precisam contribuir para que o aluno construa sentido a partir das leituras realizadas. Sem sentido não há estímulo para se constituir-se como leitor. E o sentido se dá na interpretação textual. A interpretação de um texto literário está relacionada ao sentido que o texto produz e é construído a partir da organização da linguagem usando palavras e frases. Segundo Culler (1999, p. 60) “Não podemos apenas indagar a respeito do "sentido", portanto. Há pelo menos três dimensões ou níveis diferentes de sentido: o sentido de uma palavra, de uma elocução e de um texto.”. O autor utiliza um poema em língua inglesa para exemplificar, mas neste trabalho de pesquisa, o poema, Canção do Exílio de Gonçalves Dias é utilizado para exemplificar a construção de sentido.

A linguagem está centrada na estrutura das palavras. A palavra “palmeira” se for escrita com letra maiúscula pode significar um time, mas com letras minúsculas e dependendo do contexto em que for pronunciada pode significar uma árvore que dá coco. Dependendo onde essa palavra for escrita ou dita ela será ressignificada.

O sentido de uma elocução está preso ao contexto, mas o contexto é ilimitado, pois se você perguntar para um grupo de pessoas em um bar assistindo jogo sobre o que pensam quando escutam a palavra PALMEIRA, mesmo se entre o grupo tiver pessoas que tenham um contato com literatura, imaginando o contexto em que o texto foi dito, é mais provavelmente que pensem no time de futebol. Mas se a palavra “PALMEIRAS” escrita no quadro durante uma aula de literatura é muito

provável que os alunos pensem no texto de Gonçalves Dias, Canção de Exílio.

Se um leitor entra em contato com uma frase inteira do poema escrita ou dita, independente do contexto, o sentido vai se remeter a canção. “Minha terra tem palmeiras”. Todos os ouvintes ou leitores podem perceber facilmente que a palavra PALMEIRAS, significa uma árvore e não um time de futebol.

A palavra sozinha pode ter vários significados dependendo da experiência de cada leitor. Alguém pode lembrar-se de algo ou situação muito particular que viveu. Mas quando a palavra faz parte de uma frase, o sentido fica mais localizado. Não fica solto de acordo com a impressão de cada um. São diferenças entre sentido de um texto e o sentido da palavra.

Para Culler (1999, p. 60) o texto é algo que um autor construiu, e seu “sentido é o que ele *faz* seu potencial de afetar os leitores.” Um conjunto de frases forma um texto que pode ser interpretado de formas diferentes por diferentes leitores. A intenção do escritor ao escrever um texto nem sempre alcança o leitor e o contexto é o que determina o sentido. O sentido de um texto é a experiência do leitor. Intenção, texto, contexto, leitor. Um escritor inicia a criação do texto com uma intenção, mas durante ou depois da composição da obra, o sentido que ele tinha em mente é modificado.

3. A BNCC e a formação de leitor como objeto do conhecimento

O Conselho Nacional de Educação e Conselho Pleno vinculado Ministério da Educação (MEC) com a finalidade de fixar conteúdos mínimos e comuns à educação desenvolvida em todo território nacional e, então orientar a elaboração dos currículos da rede de educação federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, aprovou por meio da Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que deve ser “respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica” (BRASIL, 2017b, p. 01).

A formação do leitor na BNCC é um Objeto do Conhecimento do componente curricular de Língua Portuguesa. Neste documento de orientação

curricular, o leitor tem atenção no que diz respeito à formação como leitor em duas tipologias: a “formação de leitor” e a “formação do leitor literário”. Nessa perspectiva, se preocupar com a formação do leitor literário é diferente da atenção que se deve dar à formação do leitor de um modo geral. Desta forma entra em discussão os gêneros textuais, se destacando nesse meio o gênero literário. Não como melhor ou pior, mas compreendendo-o como um indivíduo com características específicas. Nessa perspectiva, há uma valorização do leitor que ler outros materiais escritos além de livros literários.

A leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, à formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma. (KRUG, 2015, p.2)

O leitor do jornal, o leitor da Bíblia, o leitor dos livros acadêmicos, textos de autoajuda também é um leitor. Ele ler para se informar, para se acalmar, para se orientar, diferentemente do leitor literário que ler para se entreter, para ampliar o vocabulário, para pensar e refletir sobre personagens e situações diferentes.

Quando o leitor tem contato com diferentes gêneros textuais sua capacidade de escrita é ampliada. A percepção das diferentes finalidades de textos também é de importância significativa, pois quando o leitor compreende o que lê e o para quê ler se torna capaz de produzir diferentes tipos de textos. É a partir da produção que se pode identificar um leitor proficiente, ou seja, sua capacidade de leitura vai além da decodificação de palavras. Esse leitor compreende o texto e sua finalidade, e é capaz de produzir.

Sobre a prática de leitura os PCNs faz uma significativa reflexão:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. (BRASIL, 1997, p 53)

O componente curricular de Língua Portuguesa se organiza por meio de Campos de Atuação, a saber: Anos Iniciais: Campo da vida cotidiana; Campo artístico-literário; Campo das práticas de estudo e pesquisa, e; Campo da vida pública. Sendo que para os Anos Finais, o Campo da vida cotidiana é retirado, e acrescenta-se o Campo jornalístico-midiático. As habilidades deste componente

curricular estão ancoradas dentro desses campos que por sua vez também se apresenta na BNCC como “Todos os campos de atuação” quando todos os gêneros podem se encontrar. As habilidades relacionadas à formação do leitor literário é um objeto do conhecimento e está vinculado ao **campo artístico-literário** e a formação de leitor de um modo geral está ligada ao **todos os campos de atuação**.

Para o campo artístico-literário, o objeto do conhecimento apresentado para a Língua Portuguesa do 1º ao 5º ano, é a: **formação do leitor literário**. E a habilidade é:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade. (BRASIL, 2017, p. 97)

Para a Formação do leitor literário/Leitura multissemiótica temos como habilidade (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos. (BRASIL, 2017, 97) (EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura. (BRASIL, 2017, 111).

Considerados patrimônios artísticos, os textos literários são apresentados aos seus leitores como uma porta para um novo mundo, cheio de possibilidades onde o leitor pode ser quem ele quiser. A finalidade da formação do leitor neste caso é torna-lo competente para reconhecer os elementos que tornam um texto literário, compreendendo sua ludicidade. Essa apresentação desperta no leitor seu imaginário e também o prazer pela leitura.

A formação de leitor, nesse caso o leitor de vários gêneros, é objeto do conhecimento para o 1º e 2º anos, tem como habilidade (EF12LP02) “Buscar, selecionar e ler, com a mediação do professor (leitura compartilhada), textos que circulem em meios impressos ou digitais, de acordo com as necessidades e interesses.” (BRASIL, 2017, 99)

(EF35LP02) Selecionar livros da biblioteca e/ou do cantinho de leitura da sala de aula e/ou disponíveis em meios digitais para leitura individual, justificando a escolha e compartilhando com os colegas sua opinião, após a leitura. (BRASIL, 2017, p. 111)

A formação do leitor deve além da autonomia do leitor, ter por objetivo o desenvolvimento da compreensão. O sentido atribuído ao texto é dado por um conhecimento prévio que dentro de determinados contextos ganham novos sentidos. Essa construção de sentidos se dá a partir da interação leitor/texto, no entanto, a formação leitora compreende além da busca de sentido, a sua função.

A formação de leitor é vinculada à Leitura multissemiótica como objetos do conhecimento e tem como habilidade “(EF35LP22) Perceber diálogos em textos narrativos, observando o efeito de sentido de verbos de enunciação e, se for o caso, o uso de variedades linguísticas no discurso direto.” (BRASIL, 2017, 133)

[...] em cada caso é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. (MANGUEL, 1997, p. 19-20)

No componente curricular de Língua Inglesa apresenta como Unidades Temáticas a: Estratégias de leitura, que por sua vez tem como objeto do conhecimento a: Compreensão geral e específica: leitura rápida (skimming, scanning) e inferência de significados. Neste objeto duas habilidades que se refere à leitura vale destacar neste trabalho:

(EF07LI06) Antecipar o sentido global de textos em língua inglesa por inferências, com base em leitura rápida, observando títulos, primeiras e últimas frases de parágrafos e palavras-chave repetidas. (BRASIL, 2017, p.253)

Outra Unidade Temática do componente curricular de Língua Portuguesa é intitulada como “Práticas de leitura e pesquisa” e apresenta como objeto do conhecimento: “Objetivos de leitura” e intenciona desenvolver no aluno a habilidade de “(EF07LI09) Selecionar, em um texto, a informação desejada como objetivo de leitura.” (BRASIL, 2017, p. 253). Trata-se de um leitor competente, que usa a leitura aos seus objetivos. Escolher é uma atitude de autonomia que o aluno precisa desenvolver.

Considerações Finais

A formação do leitor, literário ou não, deve se pautar na relação do leitor com o texto. Em contato com o texto o leitor precisa compreender sua finalidade e entender

que sua função não é somente levar informações ou entreter. A leitura competente leva o leitor a aprender com o texto, portanto, deve-se haver um objetivo por trás da leitura e o aluno precisa identificá-lo.

O professor, mediador do conhecimento, deve elaborar estratégias de leitura. Caminhos que facilitam o contato do aluno com o texto e desperte seu real interesse. Sobre isso Solé (1998) ressalta que o aluno precisa ler para aprender e o professor deve, além de mostrar os caminhos, seguir junto.

A prática de leitura não segue uma receita pronta, cabe ao professor descobrir a mais eficiente para determinado público. Como estratégia ele pode: escolher diferentes tipos de textos como propaganda comercial, reportagem de jornal, entrevistas, receitas de comida, artigos científicos, poesias, etc.; Expor para a turma e solicitar que eles escolham o texto que mais gostarem; Organizar a sala em um grande círculo; Solicitar que cada um leia o texto escolhido e comente o porquê da escolha.

Essa prática traz o aluno ao centro. Ele precisa compreender o que leu para poder expor para os colegas. Essa técnica de leitura faz do aluno, naquele momento, um mediador, assim ele aprende o que lê e apreende o que passa aos colegas sobre o que foi lido.

A formação leitora é um processo que se inicia pelo prazer, pelo encantamento. Brincar com o lúdico desperta na criança um interesse que acompanhará sua maturidade literária, despertando no futuro seu prazer pela leitura como ferramenta de aprendizagem. Dessa forma, a formação do leitor de textos literário é o primeiro estágio para a formação do leitor competente.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Estadual de Goiás por promover o VI Congresso de Ensino e Pesquisa da UEG - CEPE, evento que valoriza a pesquisa e as demais produções voltadas para o ensino e extensão, possibilitando a socialização e troca de experiências. Agradecemos aos colegas que fazem parte do Projeto de Extensão: “Um conto sobre os contos de fadas: literatura fantástica na escola” cadastrado na Plataforma Pegasus, que nos possibilitou as reflexões aqui postas.

Referências

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

REALIZAÇÃO

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, 14. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 16 de Junho de 2019.

_____. **Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular. MEC, CNE, CP, 2017b. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em 16 de Junho de 2019.

KAUFMAN, Ana Maria. **Escola, Leitura e Produção de Textos**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

KRUG, Flavia Susana. **A importância da leitura na formação do leitor**. Ideau, 2015. Disponível em: <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/277_1.pdf> Acesso em: 02 maio de 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária, uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michéle; SCHNEUWLY, Bernad. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, GLAÍS, Sales Cordeiro. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP; Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortes, 1989.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**: tradução Pedro Maia Soares- São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MILLER. J. Hillis. **The Future of Literary Theory**. Department of English and Comparative Literature: University of California, Irvine - USA, CAS Fellow: 2006.

SOLÉ. Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18 /10 /2019
Anápolis



LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL

Wilma Mendes Rodrigues¹ (PQ) w-mendes-rodrigues@bol.com.br, *Campus de São Luís de Montes Belos.*

Rua da Saudade, nº56 - Vila Eduarda - São Luís de Montes Belos – Goiás

Resumo: O presente trabalho caracteriza-se como uma proposta que sintetiza orientações por meio de estratégias para leitura, interpretação e produção de textos tendo como foco os conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa com o objetivo de oferecer subsídios para melhor refletir e propor soluções eficientes para o aprendizado do aluno e seu domínio da leitura, compreensão e expressão por escrito do que foi lido. A aplicação deste projeto de extensão "Leitura, Interpretação e Produção Textual" faz com que os alunos percebam que são capazes de analisar criticamente os fatos que ocorrem na sociedade, de argumentar sobre qualquer assunto, tornando-se assim sujeitos leitores/produtores de textos com práticas sociais e interativas e esta sendo desenvolvido na UEG, no turno vespertino.

Palavras-chave: Ensino. Escrita. Interpretação. Leitura. Reflexão. Aprendizagem

Introdução

A realidade da escola hoje exige que o professor educador utilize alternativas e práticas pedagógicas que propiciem ao aluno o aprimoramento de habilidades como: pensar, atribuir valores, investigar, indagar, relacionar, argumentar, analisar, sintetizar e produzir seu próprio conhecimento. Partindo do princípio de que a transmissão do conhecimento não é suficiente para garantir uma sólida construção do sujeito histórico, capaz de interferir nos rumos da sua vida e na do grupo social a que pertence, afirmamos que a principal tarefa do professor orientá-lo, através das atividades escolares, a atingir as habilidades acima mencionadas. Portanto, é necessário buscar outros percursos pedagógicos como instrumentos facilitadores do processo ensino-aprendizagem.

Ainda há grande equívoco no ensino de língua portuguesa: as aulas são predominantemente gramaticais e quase não há trabalho com a língua em situação real de uso. Ensina-se gramática como se esse fosse o único meio de fazer o aluno aprender a ler e a escrever, ou melhor, aprender a norma culta da língua. Na verdade, o que ocorre é um ensino metalingüístico ineficiente, com muitas aulas de gramática e pouca leitura, discussão e produção de textos. E o resultado é o que vemos constantemente: textos desprovidos de coerência e de informatividade, algumas vezes gramaticalmente corretos, mas destituídos de sentido, pois a maioria dos alunos não consegue expressar, por escrito, sua opinião. Segundo Cazarin:



A preocupação básica é levar o aluno não apenas ao conhecimento da gramática de sua língua, mas, sobretudo, ao desenvolvimento da capacidade de refletir, de maneira crítica, sobre o mundo que o cerca e, em especial, sobre a utilização da língua como instrumento de interação social – isso é feito mediante a compreensão, a análise, a interpretação e a produção de textos verbais. (Cazarin 1995, p.5-6)

Sendo assim, a língua escrita demanda muito mais trabalho, pois é uma linguagem que: possui maior grau de descontextualização; os interlocutores encontra-se em situações diferentes, excluindo a possibilidade de compartilhar um mesmo sujeito em seu pensamento; requer mais palavras do que a linguagem oral, ou seja, necessita de um vocabulário mais rico; há regras particulares que são impostas, tais como: a sintaxe, o vocabulário, a variedade lingüística adequada, etc.; exige do sujeito a criação de uma situação, ou seja, imaginá-la em seu pensamento; e é considerada um processo psicológico avançado.

Tendo em vista a recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) de que o estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de usos da língua e de que quanto mais dominamos essas possibilidades mais nos aproximamos da eficácia comunicativa, propusemo-nos a trabalhar a produção escrita de textos predominantemente argumentativos, por meio da leitura de alguns gêneros do discurso, que mobilizam a capacidade de argumentar. Segundo Soares:

Cada gênero tem as suas normas: a estrutura e a organização do texto, os recursos de coesão textual, os níveis de informatividade, a própria disposição do texto na página não são os mesmos, se trata de uma narrativa, de uma dissertação, de uma argumentação, de um editorial, de uma notícia de jornal, de uma receita culinária.... (SOARES, 2001, p. 64)

Formar leitores e escritores competentes requer algumas condições favoráveis, tanto por parte do professor, como por parte da escola; esta deve dispor de uma biblioteca com um acervo bastante diversificado (revistas, almanaques, enciclopédias, livros de leitura, jornal etc.), para que o aluno possa entrar em contato com os mais diversos tipos de texto; e aquele deve estimular seus alunos a leitura, organizando momentos de leitura dentro da sala de aula, e deve também mostrar, aos seus alunos, os diversos tipos de textos existentes.



Acreditamos que, para o professor de Língua Portuguesa, a principal tarefa a ser realizada é a de tornar nossos alunos leitores críticos e competentes produtores de textos. Para isso, não basta apresentar conceitos prontos e uma série de exercícios de fixação, desinteressantes e ineficientes, mas o trabalho do professor em sala de aula exige a mobilização de diferentes conhecimentos/saberes, tendo em vista o caráter multifacetado da prática pedagógica.

Trata-se de saberes que envolvem não somente a transmissão de conteúdos, assim como subsidiam o professor no desenvolvimento de várias habilidades para que ele se dê conta das diferentes situações e dos diferentes dilemas que surgem no desenvolvimento da prática docente. Com isso, o professor, ao longo de sua ação docente, elabora diferentes estratégias para responder às exigências colocadas pela prática. Esse processo de construção de estratégias dá-se dinamicamente, conduzindo o professor na mobilização e na construção de saberes.

A capacidade de ler, interpretar e produzir narrativas sobre fatos ocorridos com o Homem em sociedade, é uma habilidade que deve se construída na sala de aula e sua aquisição pode ser alcançada trilhando diversos caminhos. O aluno, como leitor e escritor, demonstra falta de maturidade e até de vivências de práticas pedagógicas atrativas que o incentivem a ser perseverante para chegar ao domínio destas habilidades cognitivas. O educando precisa se situar no mundo, compreendendo a intrincada teia de relações que o envolvem, mas para isso é preciso que a escola o ensine como conseguir esse objetivo.

A capacidade de ler e compreender, e a de expressar o que compreendeu, de forma que esta aprendizagem seja coerente e possa ser incorporado à sua vida, ao seu modo de viver, se expressando em suas posturas e atitudes como cidadão consciente de si, não é inata ao aluno, ele aprende como fazer isso, e é função da escola prepará-lo para tal atividade. Se o aluno se expressa corretamente, consegue expor suas ideias de forma compreensível ao seu interlocutor, isto é, a sua compreensão a respeito do assunto em discussão.

Apesar de, saber se expressar corretamente não indica necessariamente que o aluno teve a compreensão correta do assunto estudado, ajuda muito no processo ensino aprendizagem, pois no mínimo o professor pode diagnosticar onde houve falha na compreensão, por parte do aluno, e assim agir de forma a corrigir essa



falha. Expressar a compreensão a respeito de um tema é uma habilidade que depende das habilidades de ler e interpretar. Isso é uma via de duas pistas, se o aluno se expressa melhor, por outro lado também se apropria mais do conhecimento que está expressando, e essas duas ações se retroalimentam e estimulam um aprimoramento da habilidade de ler, compreender e comunicar por escrito o que compreendeu da leitura.

Ao ler o que escreveu, o aluno pode analisar as ideias que expôs e assim, interpretando o seu próprio texto, verificar se aquilo que disse no texto é exatamente o que queria dizer. Se o aluno lê bem e consegue interpretar bem o que lê, tem maior probabilidade de compreender melhor as questões com que se depara. Temos então que essas habilidades são interdependentes e cumulativas, vão se desenvolvendo e se aprimorando ao longo do processo de escolaridade. Mas, ler bem, interpretar bem um texto, expressar corretamente o que entendeu de um texto, não significa que entendeu bem uma questão, pois a mesma pode ter várias explicações, dependendo de quem se refere a ela. É preciso que o aluno consiga também compreender a diversidade a respeito de um tema, expressas em textos diferentes, produzidos por autores diferentes.

É preciso ter em mente que:

Escrever e ler são atividades que servem para poder comunicar-se, para expressar ideias, experiências, opiniões, sentimentos, fantasias, realidades, e para ter acesso ao que os demais seres humanos, ao longo do espaço e do tempo, viveram, pensaram, sentiram. (AUTO, MORILLO, TERIXIDÓ, 2000, P.69)

Portanto, temos tomado consciência do papel do professor na formação do cidadão e buscamos formar essa consciência de cidadãos nos alunos a partir dos gêneros textuais, e também é necessário ressaltar que o processo ensino aprendizagem deve se dar a partir de uma relação dialética, na qual o saber elaborado deve ser colocado frente ao saber que os alunos trazem e na sala de aula, é necessária a ação mediadora do professor para reelaborar esse saber de modo que o aluno possa se apropriar de novos conhecimentos de forma prática para o seu cotidiano.



O projeto de extensão sobre “Leitura, Interpretação e Produção Textual” é desenvolvido através de encontros realizados semanalmente no Centro de Idiomas na UEG, Campus de São Luís de Montes Belos, que visa contribuir com comunidade acadêmica e comunidade em geral. e propõem o estudo da Língua Portuguesa, em suas variantes tanto com exercícios em relação aos gêneros textuais e ortografias.

Resultados e Discussão

Atualmente com tanta tecnologia ao nosso redor, tem sido cada vez mais difícil chamar a atenção dos jovens para esse mundo da leitura. O mundo atual está a toda velocidade com computadores, DVDs, Playstation e Nintendos, Mp3, Tablets, etc. E isso tem a sua facilidade como a leitura virtual, pois é possível ler livros no computador, mas também pode dispersar a atenção do leitor. É diante disso que o curso de “Leitura, Intepretação e Produção textual” trabalha com mecanismos que incentivem os alunos leitura de artigos, revistas e notícias atuais que se tornam de forma contextualizada. Porque a leitura não pode ser simplesmente o ato de juntar símbolos mas de compreender e saber o que existe nas “entrelinhas”. De acordo com Martins (1994, p.7), “o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra”. Mas como a própria autora nos questiona será que basta decifrar as palavras para acontecer a compreensão da leitura, do texto? O ato de ler, para Kleiman (1997), vai muito além de decodificar letras de uma palavra ou frase, envolve diversos aspectos, tais como a interação, conhecimento prévio do leitor, textual, linguístico, e também o conhecimento de mundo. Assim a leitura não se torna apenas um ato mecânico, sem vida. É um momento individual do leitor, e também de interação com o mundo ao redor, mostra a leitura como um processo em que o leitor utiliza os diferentes níveis de conhecimento para que ocorra essa interação. É por isso que curso propõe essa interação entre os alunos e convivência em sociedade e todo o processo que se faz necessário a leitura, a intepretação e a escrita.

Considerações Finais



Objetivamos demonstrar a importância da leitura e a interpretação para a produção de textos. Percebemos dessa forma, que a relação entre leitura e escrita é bastante tênue nos sujeitos e é construída intrinsecamente. A leitura como hábito frequente ajuda a desenvolver familiaridade com o mundo da escrita e essa proximidade, por sua vez, facilita a alfabetização e ajuda em todas as disciplinas. O aluno também deve estar ciente da importância do ato de ler e perceber que a leitura é uma das principais ferramentas para escrever bem, e se desenvolver socialmente. A leitura e a escrita são imprescindíveis para o aprendizado do ser humano, elas estimulam nosso raciocínio e senso crítico, e enriquecem nosso vocabulário. Após a constatação das dificuldades dos alunos em estar construindo textos, estaremos criando mecanismos que venham a trabalhar em cima dos mesmos. Para, por fim, trabalhar essas questões que impedem o aluno de escrever um texto utilizando todo o seu potencial. Somente a leitura nos fará enxergar um mundo cheio de perspectivas e inovações. Ela vem preparar o indivíduo para as mais diversas situações, ajudando a formar suas opiniões e seu caráter. Cria um adulto culto, dinâmico e perspicaz. Constrói cidadãos conscientes de suas responsabilidades perante a sociedade e o mundo.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pelas oportunidades a mim concedidas, pelo amor e paz de espírito, em seguida a minha família, e também aos meus colegas da UEG e especialmente a Juliana.

Referências

AUTO, L.; MORILLO, M. M.; TERIXIDÓ, M. M. **Escrever e ler – como as crianças aprendem e como os professores podem ensiná-las a escrever e a ler**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

BRASIL, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 5^a. a 8^a. Série**. Brasília: SEF, 1998.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18 /10 /2019
Anápolis



CAZARIN, E. A. **Princípios gerais para uma metodologia do ensino de língua portuguesa.** Coleção Cadernos Unijuí, 1995, pp. 5-6.

KLEIMAN, Angela. **Texto & leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 5.ed. São Paulo: Pontes, 1997.

MARTINS, Maria H. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SOARES, M. B. **Aprender a escrever, ensinar a escrever.** In: ZACCUR, E. (org.) A magia da linguagem. 2. ed. Rio de Janeiro: Dp&A: SEPE, 2001.